

A Psicanálise no Divã surrealista

Lourival Belém Jr.¹

Filme: *Genealogias de um crime* (*Genealogies d'un crime*)
Direção: Raoul Ruiz
Roteiro: Raoul Ruiz e Pascal Bonitzer
Fotografia: Stephan Ivanov
Elenco: Catherine Deneuve, Michel Piccoli, Melvil Poupaud, Andrzej Seweryn
Produção: Gemini Films
França, 1996

Genealogias de um crime insere-se na melhor tradição do cinema de ruptura com a linguagem narrativa própria do modelo hollywoodiano. Depois de quase trinta anos de trabalho e dezenas de filmes realizados, o franco-chileno Raoul Ruiz consegue manter-se fiel ao seu propósito de criar um cinema formalmente ousado, apesar da adversidade crescente em relação a este tipo de trabalho, num momento em que só as preocupações com o mercado parecem fazer sentido. Nesse filme, ele parte de um crime para sondar o fascínio que o comportamento delinqüente exerce sobre os homens, ressaltando o envolvimento ambíguo de duas importantes instituições da vida moderna, a psicanálise e o direito, com tal comportamento, bem como suas causas e efeitos.

O “crime central”, a que alude o título, é o assassinato de uma psicanalista. O ato teria sido supostamente cometido pelo sobrinho que ela recebeu ainda criança em sua casa, com o intuito de fazer, inicialmente, um minucioso estudo de suas atitudes, comportamentos e reações, para, posteriormente, realizar um trabalho terapêutico com a finalidade de evitar as manifestações de fortes impulsos criminais, percebidos já em seus primeiros anos de vida.

Disse “crime central” porque a ele se ligam outros crimes praticados no passado ou concomitantemente, formando cadeias que se explicam psicanaliticamente com a ajuda da astrologia, da história e da mitologia. O termo “genealogia” remete à descrição histórica da descendência biológica de uma pessoa ou grupo de pessoas, a partir de seus ancestrais. No filme, a ironia se faz com a possibilidade de se encontrar uma migração fantasmagórica dos crimes através das gerações – “histórias que nascem dentro de histórias” – e destas influências mútuas que deixam a psicanálise exposta às suas próprias fragilidades e contradições.

O enredo é narrado a partir dos relatos de uma advogada, presa por ter matado a facadas o rapaz assassino e seu grupo. É a partir do seu olhar que o filme se constrói, talvez a única garantia, no sentido em que estou falando, de que algo tenha realmente acontecido, mas uma garantia não tão confiável assim, porque a criminosa também mostra sinais de ter vivido uma situação psicologicamente desestruturante.

A advogada conta que, ao perder seu filho, aceita o desafio de defender o criminoso que havia matado a tia psicanalista, que o tomava por objeto de estudo. Ao investigar o delito, ela, pouco a pouco, assimila alguns aspectos e atributos da analista, passando a viver um processo psicológico conhecido como “identificação”. Trata-se, como se sabe, de um conceito de grande valor para a psicanálise, que inclui imitação, empatia,

¹ Médico psiquiatra, formado pela UFG e pós-graduado no Instituto Marmottan (França). Cineasta, dirigiu, entre outros, *As cidadelas invisíveis* (prêmio do júri para o melhor filme goiano no III Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental da cidade de Goiás – Fica).

projeção, incorporação, simpatia, contágio mental e pretende explicar tanto o processo normal de constituição do indivíduo humano, como processos patológicos de transformação, total ou parcial, segundo o modelo de outra pessoa. Freud, referindo-se a sintomas histéricos, fator de imitação, de contágio mental, nos diz que “a identificação não é simples imitação, mas apropriação baseada na pretensão de uma etiologia comum: ela exprime um ‘todo como se’ e relaciona-se com um elemento comum (fantasia) que permanece no inconsciente”.

Como coexistem várias identificações num mesmo indivíduo, podemos entender a pluralidade e a ambivalência das pessoas psíquicas – amor e rivalidade em relação a um mesmo objeto de identificação. É a partir deste entendimento complexo do homem que o filme se estrutura; neste sentido, apesar de satirizar a psicanálise como instituição, ele parece aceitar alguns de seus postulados principais. Encontramos no filme algo como um processo de identificação em cadeia, umas plausíveis, outras não. Há, por exemplo, uma psicanalista reordenando a história, que se identifica com um *fait divers* do início do século. Ela aborda este caso, também um homicídio, reconhecendo na figura do sobrinho o assassino em potencial do outro tempo, passando a estudá-lo para modificar a história. Esta, a história, repete-se com ela, sendo que, depois, uma advogada reconhece no rapaz assassino seu próprio filho recém-falecido e, na psicanalista morta, diversas características suas...

Observe-se que a forma labiríntica de se contar a história torna-a mais complexa e intrigante, mas, até aí, esta ainda poderia assemelhar-se a um suspense tradicional, do qual o filme retira seu arcabouço. A tudo que disse acima acrescento que a obra incorpora um tom decididamente surrealista. As únicas personagens com caracterização um pouco mais realista são a advogada, eixo da narração, que mostra curiosidade, sorri e assusta-se com naturalidade, incomoda-se com as hipocrisias sociais, tem dúvidas e reage psicologicamente aos sofrimentos; e, em parte, a psicanalista – ambas representadas pela mesma atriz, Catherine Deneuve. Dos outros personagens principais podemos esperar qualquer coisa, que apareçam onde não são aguardados, que tenham atitudes as mais insólitas, que estabeleçam diálogos de puro *non-sense* ou que desviem a narrativa para qualquer direção. Coisas banais acontecem em meio a situações sérias, tal como costuma acontecer na vida real, mas que, na representação ficcional, adquirem um ar buñuelesco: o que era grave torna-se cômico, realça-se algum aspecto que, de outra maneira, passaria despercebido, desfazendo qualquer tipo de projeção e/ou identificação do espectador com a situação ou com os personagens. Tudo isso adquire um caráter singular, as identificações se proliferam na tela, perfazendo um jogo especular de difícil compreensão; embora não nos identifiquemos com o que ali se passa, não sintamos as emoções que sentem os personagens, não somos orientados a tomar partido de ninguém. Apenas nos intrigam o desenvolvimento labiríntico do enredo e a maneira como ele nos é apresentado, suscitando um prazer oriundo desse projeto antiilusionista, que nos permite encarar, de forma lúdica e crítica, as bizarrices requintadas do ser humano e suas instituições, sem nenhuma obrigação de descobrirmos uma verdade absoluta ao final ou de reconhecermos, naquelas imagens, duplos do real tangível.

O rapaz assassino preenche os critérios que permitiriam sua classificação psiquiátrica como “personalidade psicopática”, apesar de ser o centro da rede de identificação mostrada no filme, e de ser chamado de “monstro”. Na infância, teria sido um “masturbador precoce”, mentiroso, cruel com animais e tinha fixação na idéia de morte; depois, teriam aparecido os roubos, a insensibilidade, irresponsabilidade e desrespeito pelas normas sociais, baixa tolerância à frustração e baixo limiar para descarga de agressão.

A tia, ao tentar curá-lo, já sabe, segundo um dogma da doutrina psicanalítica, que depois dos cinco anos de idade a criança tem a personalidade formada e não há mais o que fazer, a índole criminosa não pode mais ser corrigida. Mesmo assim, ela prossegue em seus estudos e ele torna-se um caso clínico da Sociedade Psicanalítica Franco-Belga (SPFB), que ela integra. Depois de anos de sessões terapêuticas, ela percebe que um jogo com troca de papéis em casa dá resultados colossais. A SPFB cria, então, uma espécie de psicodrama meio macabro, com a intenção de destruir os impulsos criminais encenando quadros vivos do momento anterior ao crime. Nele, alguns atores são pagos e cobram mais quando a terapia termina em orgia. As sessões se passavam na casa da tia, que ainda conserva espelhos sem aço, que deixam ver o outro lado, da época em que aquele lugar era um bordel. Depois do crime, será preparada para se transformar num museu (a casa ou a psicanálise?).

Seria, então, uma terapia revolucionária ou criminosa? Num acidente de percurso, a analista é assassinada. O rapaz é culpado ou vítima? Aceitando sua versão, a justiça o absolve, mas depois ele confessa o crime. Mesmo assim, persiste a interrogação.

Uma outra associação psicanalítica, a da Ilha da França (SPIF), participa da disputa de poder e nos proporciona um belo espetáculo de espionagem com situações engraçadíssimas. São “inimigas oficiais”; enquanto a SPFB é acusada de ortodoxia (com este tipo de terapia?) e fábrica de matadores, a SPIF é responsabilizada por maus tratos aos pacientes e desenvolve teorias brilhantes, mas excêntricas e sem sentido, com citações cultas, numa clara menção à corrente psicanalítica desenvolvida a partir da obra de Jacques Lacan.

O ator Michel Piccoli faz um trabalho brilhante, vivendo o psicanalista da SPFB, que seria a testemunha de acusação do rapaz. Ele cria um tipo instável, que mistura sintomas de neurose, demência e paranóia. Seu duelo verbal com o inimigo oficial da SPIF é uma paródia surrealista dos filmes *noir*, de rara beleza.

A SPFB é acusada de desviar fundos para o partido socialista. O juiz que investiga o caso é amigo da advogada do assassino e sabe que este rapaz está por trás de todo o desvio, mas não consegue provar e termina morrendo de ataque cardíaco, num misto de impotência e culpa. Contudo, a SPFB vê sua reputação na lama e, para provar o radicalismo de seu compromisso com a causa, promove um suicídio coletivo, reafirmando-se, aos nossos olhos, como seita fanática. Paradoxalmente, ela procura um sacrifício humano sem vítima, mas tem medo de que o suicídio permaneça no inconsciente coletivo, numa clara indisposição com a psicologia analítica, linha dissidente criada por Carl Gustav Jung (o inconsciente coletivo, ao contrário do pessoal, abrangeria conteúdos mitológicos herdados, que podem aparecer de novo em qualquer tempo e circunstância, sem tradição histórica nem migração).

Na visão do cineasta, a psicanálise não consegue superar as visões reducionistas que o mundo elabora do delinqüente. Parece que, ao determinismo biológico que orienta a psiquiatria tradicional, a psicanálise opõe um reducionismo psicológico permeado com teorias exóticas, capaz de prever um futuro assassino, como o faz a astrologia, apesar do seu trabalho de investigação das profundezas obscuras do inconsciente, transformando-se, também ela, numa seita como qualquer outra, com suas motivações religiosas, sexuais, políticas e financeiras. Mas, afinal, como bem mostra o filme, o crime maior está diluído socialmente e não pode ser percebido sem um esforço considerável de nossa parte.

Apesar das farpas e sátiras, o filme rende homenagem à psicanálise, cujo saber é um dos pilares do Surrealismo, ao permitir um paralelo entre este saber e o processo de investigação, que se apresenta aos nossos olhos pelo filtro analítico, conseguindo esboçar uma lógica precária, mas possível, das autorias dos diversos crimes e, ainda, a

confissão feita pelo próprio assassino, o que nos dá um certo alívio, mesmo persistindo várias contradições, a conduta errante do rapaz e as angústias da advogada investigadora. Estas angústias chegam a se agravar, pois ela assume o papel da psicanalista assassinada e a vingança, matando seu sobrinho. Não se esqueçam de que a advogada fora, em sua infância, cruel com animais, ela também jogara gatos pela janela, a ponto de sua mãe dizer que todo o mundo achava que ela se transformaria numa assassina.

Com uma trama policial como esta, complexa e sem lógica aparente, o filme não poderia nos castigar muito com desfoques e excessivos movimentos e angulações não convencionais, sob pena de fazer com que perdêssemos completamente o interesse pela história e passássemos a vê-la como um encadeamento aleatório de imagens. E ele realmente lança mão destes procedimentos técnicos de ruptura com a narrativa tradicional, na medida exata da nossa capacidade de experimentar o caos e de fugir dele. Não se trata de um tipo de surrealismo que mimetiza o sonho, mas de um surrealismo centrípeto. Nele, existe a possibilidade de que o fio da meada e a representação convincente da narradora sejam encontrados, mantendo-nos presos ao enredo, que sempre descarrilha para o lúdico, depois de seguir mais uma pista da verdade. Filme cerebral, ele organiza-se como um quebra-cabeça que, só aparentemente, evolui para o caos. Entretanto, exige dos espectadores amadurecimento para enfrentar a angustiante opacidade dos seres humanos e de suas relações sociais.